A Illustração Portugueza

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Dissipou-se a tormenta. Está levantado o estado de sitio. Os artilheiros da Maria da Piedade foram para Vendas Novas cantando os lindos amores; os pés frescos conservam-se, a bolaxa e rancho, no convez do *Africa;* os arruaceiros vadios vão assentar praça, para moralisarem o exercito com o seu exemplo, e os municipaes... esses não se dissolvem nem á mão de Deus Padre, apezar da boa vontade com que lhes estão o Senado e o Povo lisbonense.

Tudo, pois, caminha no melhor dos mundos possivel, e a paz reina de novo na Parvonia, que é, como quem diz, em Varsovia.

O REI DA SUECIA, OSCAR II

Dá-se, porém, um facto, que até hoje tem escapado á observação dos criticos. A municipal perdeu noventa e nove e tres quartos por cento no conceito e estima das criadas de servir da capital. A bella criadagem feminina de Lisboa, vendo que as armas superiores eram mais bem sortidas de Magriços, passou-se, com bagagens e munições de bocca, para os artilheiros.

Cada sopeira quer ser uma nova Maria da Piedade e ter, pelo menos, duas granadas de mão a protegeram-n'a

Até hoje, o apito dos municipaes era o talisman das cosinheiras indigenas. Agora, viraram-se todas para o soquete e para morrão acceso da artilheria de grosso calibre. Antigamente, as nossas servas, pouco dadas a estudos ballisticos, contentavam-se com as almas lisas das escopetas da municipal; não tinham a noção das trajectorias mais ou menos tensas, nem a sciencia do maior ou menor alcance e justeza do tiro. A respeito de fogo, conheciam, quando muito, o da cosinha e o das carabinas Enfield transformadas.

Depois da revolta das Amoreiras, já não succede o mesmo; operou-se uma transformação profunda no seu modo de ver e de sentir ácerca das coisas militares; não ha, em todo o ambito de Lisboa, uma unica sopeira que se não tenha voltado de corpo e alma para a alma estriada das boccas de fogo de Campolide, com grave depreciação do velho armamento dos nossos *guitas* do Carmo e dos Paulistas.

E digam lá, depois d'isto, que a bernarda da Maria da Piedade não levantou o espirito bellico das criadas de servir luzitanas!...

Concorreu poderosamente para serenar os animos turbulentos da população alfacinha, a muita musica que ahi se fez, em Lisboa, no decurso da semana passada.

A musica foi, é e ha de sem sempre o copo d'agua fria com que se apagam as grandes revoluções e com que se neutralisam os effeitos das grandes calamidades.

Marselheza, *Ça ira*, e hymnos de Riego e da Maria da Fonte áparte, tudo o mais tem o condão de acalmar as imaginações escandecidas, de tornar inoffensivos uns excessos de bilis expectorados no meio de qualquer escaramuça popular: a questão está em ser bem tocado, sem demasias estridentes de clarins guerreiros, de zabumbas e de ferrinhos.

Ora nós tivemos ahi excellente musica durante a ultima semana, e isso explica, por sem duvida, a promptidão com que os animos se aquietaram, a despeito das cargas e descargas do Rocio, da attitude guerreira da artilheria, do apparato bellico dos municipaes, e dos gritos sediciosos da populaça irrequieta, que já começava a fallar pela voz dos seus revolvers.

Houve mesmo musica de mais. Não era precisa tanta para que tudo deixasse cair das mãos as armas do combate, fascinado pelo encanto das vibrações dos violinos e pela belleza das *romanzas* dos tenores.

Não o entenderam porém assim Antonio Duarte e Filippe Duarte, dois Duartes muito mais eloquentes no sol e dó, que o rei do mesmo nome na palavra. Em vez de recorrerem ao brando palliativo de uma ou duas symphonias ligeiras, como calmante d'occasião para a effervescencia das massas febris, deitaram ambos a livraria a baixo e applicaram-lhes remedios energicos, d'aquelles a que um espirito, por mais revolucionario que seja, não resiste.

O primeiro, deu-nos nada menos que uma opera, *I Promessi sposi* de Ponchielli, em S. Carlos. O segundo apresentou-nos um poema lyrico, as *Orientaes* d'Alfredo Keil, no salão da Trindade.

A's primeiras arcadas dos violoncellos plangentes, tudo se aquietou, é claro; e quando os stradivarius lacrimosos começaram a exhalar queixumes das suas almas de madeira franzina, já ninguem se lembrava de dizer: «*Morra a guarda!*» para só gritar, commovido até ás lagrimas:—Vivam os Duartes lyricos nacionaes! Urrah pelos amadores da Real Academia de musica e pelo Club dramatico musical! Ip! ip! ip! hurrah!...

Se o illustre commendador e maestro Antonio Duarte não tivesse já, a estrellarem-lhe o amplo peito da farda, as insignias brilhantes de todas as ordens portuguezas e exoticas, nós pediriamos hoje aqui, para s. ex.ª, uma commenda das mais vistosas, como premio devido ao enorme serviço de ordem publica que prestou, em tão grave e melindrosissima conjunctura.

Uma coisa se revelou, n'estas duas grandes festas lyricas da Trindade e de S. Carlos, que até então não fôra ainda descoberta: tres quartas partes da população da capital são constituidas por amadores de musica—barytonos incipientes, contraltos esperançosas, tenorinos muito aproveitaveis, baixos d'alto lá com elles, e sopranos de se lhes tirar o chapeu.

Por mais que o bom Francisco Palha diga que não, que não descobre substitutas para a Florinda, para a Anna Pereira e para a Canaria, que não encontra quem faça as vezes do Queiroz, do Augusto e do Leoni, quando todos elles passarem á disponibilidade, o certo é que os barytonos fervilham; os tenores nascem e medram ao acaso, como os cogumelos; os sopranos *sfogatos* enxameiam, aos bandos, essa Lisboa lyrica, essa reinadia patria do Fado corridinho.

E' ver os bravos interpretes do *Promessi sposi*, é ouvir os bravissimos executantes das *Orientaes*, córos, solistas, orchestra, regentes, tudo, e tudo magnifico, e tudo a postos, e tudo com brio de verdadeiros artistas, cantando o *spartito* de Ponchielli com alma, interpretando a obra inspirada e genial d'Alfredo Keil com a comprehensão exacta do que ella é e do que ella vale...

Decididamente, se da musica dependessem os destinos d'uma nação, Portugal seria a estas horas um paiz ditoso e invejavel!

E á medida que os concertos particulares se repetem, á medida que o calor estival se avisinha de nós traiçoeiramente, com pésinhos de lan, a querer amadurecer as peras de Santo Antonio, os theatros vão fechando pouco a pouco, hoje um, logo outro, depois outro ainda, á falta de publico que se aventure a visital-os.

Quasi que só o Colyseo dos Recreios resiste a este mandato imperativo das altas temperaturas veranescas, continuando a attrahir os notivagos acalorados, com a musica vivaz e scintillante do seu *Processo do Can-can*.

E' que ali está-se bem, á vontade, sem preoccupações de *pose* nem de compostura. E' que no *Processo do Can-can* dansam-se boleros, cantam-se seguidilhas, habaneras e jotas, por hespanholas authenticas, por andaluzas e aragonezas de lume no olhar, tudo acompanhado d'uma musica original e arrebatadora, que não tem outra que se lhe compare, e que exprime, nas suas caricias languidas, no seu rythmo voluptuoso, nas suas melodias ora apaixonadas e melancholicas, ora petulantes e alegres, toda a physionomia pittoresca da Hespanha, toda a poesia espalhada nos cantares dos seus trovadores, nas serenatas dos seus musicos, nos olhos das suas bellas mulheres, no perfume dos seus jardins.

E' que, no Colyseo, finalmente, *zapatea* a Fuensanta, um verdadeiro demonio de graciosidade provocadora, um pedaço, feito carne, da maçã que tentou Adão!

Houve já quem queimasse por ella uma alcaxofra, nas fogueiras crepitantes do Santinho milagroso, mas a planta mofina não refloriu; appareceu negra como um carvão aos primeiros clarões da madrugada. Se refloris e...

C. Dantas.

RECORDAÇÕES DE UM JORNALISTA

AINDA O PANORAMA—ARTES E LETRAS—ARTE—TRIBUNA—GAZETA DO POVO

Em 1866, se a minha memoria me não engana, um empregado da imprensa Lallemant, chamado Miguel, que depois se suicidou, não me lembro já por que motivo, teve a idéa de resuscitar o *Panorama*. Entendeu-se para esse fim com o velho editor Lopes, que ainda vivia, sempre muito queixoso de rheumatismo, e lançou de novo o *Panorama*.

Durou tres annos, mas, apezar de ter tido uma excellente collaboração, nunca pôde fazer grande carreira. Comtudo no *Panorama* saiu a *Galathéa Moderna* de Osorio de Vasconcellos, um romance muito apreciavel no genero Feuillet, alli publicaram alguns outros interessantes Cunha Bellem e Alfredo de Oliveira Pires; Eduardo Vidal, e Candido de Figueiredo publicaram tambem nas suas paginas alguns dos seus melhores versos. Eu, se me é licito fallar tambem de mim proprio, publiquei no *Panorama* um romancinho intitulado *Perez Lorenzo*, que figurou depois no volume de contos militares, que intitulei o *Major Napoleão*.

Os editores do *Panorama* queriam porém sobretudo que se escrevessem artigos para se acompanharem as gravuras, e isso deu logar a que alguns de nós tratassemos desenvolvidamente algumas questões. Foi assim que eu por exemplo tratei largamente a questão irlandeza á proposito do retrato de O'Connell, e historiei a conquista do Perú a proposito do retrato de Pizarro.

Uma gravura, que representava o theatro de D. Maria II, deu ensejo a Osorio de Vasconcellos para fallar dos heróes de 1820, e por um lapso, perfeitamente desculpavel n'um jornalista que escreve sempre ao correr da penna, confundio Fernandes Thomaz com Borges Carneiro, e parece que representou o patriarcha da liberdade portugueza preso nos carceres de S. Julião da Barra. Tempos depois, saiu o 8.º volume do *Diccionario Bibliographico*, 1.º do *Supplemento*, e Innocencio tinha de escrever o artigo relativo a Alberto Osorio de Vasconcellos. Com o mau humor que o caracterisava, com a impertinencia realmente insupportavel d'aquelle nosso illustre homem de letras, Innocencio tratou acremente Osorio de Vasconcellos, por causa do malfadado lapso. Eram uns periodos recheados de pontos de admiração, que desesperaram effectivamente a victima. Alberto Osorio de Vasconcellos, que não era dotado de uma paciencia evangelica, sentindo-se ferido, tirou a desforra no *Jornal do Commercio*, Innocencio redarguiu, e ficaram assim inimigos mortaes dois homens de um merecimento verdadeiro.

Posso fallar despreoccupadamente, porque Innocencio nunca teve comigo o mais leve conflicto, mas o seu genio era intoleravel. Pode realmente admittir-se que se faça a critica acerba de um escriptor da talento e do saber de Osorio de Vasconcellos, porque n'um artigo de jornal, escripto sobre o joelho, confunde Fernandes Thomaz com Borges Carneiro! Mas Innocencio era assim. Gostava de embirrar com toda a gente; pois elle tivera até ahi as melhores relações com Osorio de Vasconcellos.

No *Panorama* publiquei eu tambem a lenda de S. Patricio, e a proposito d'esse artigo sempre contarei uma anedocta, que vai fazer desesperar o meu velho e excellente amigo Delphim de Almeida.

Este notavel escriptor, cujo altissimo merecimento não tem podido ser bem apreciado pelo publico, porque o seu organismo valetudinario o impede de revelar tudo quanto pode, mas que ainda assim tem publicado estudos de primeira ordem, tanto em sciencias financeiras, como em sciencias historicas, o sr. Delphim de Almeida pois andou uma vez combinando comigo uma serie de publicações, que intitulariamos os *Tribunos sagrados*, as *Lendas do Christianismo* etc, publicações em que fariamos as biographias dos grandes prégadores, em que aproveitariamos a parte poetica da religião christã, etc.

Sempre que se fallava n'isto, eu exclamava:

—Demais a mais podemos aproveitar um artigo que eu já escrevi e publiquei no *Panorama* a respeito de S. Patricio.

Das primeiras vezes, Delphim acolheu este offerecimento com um enthusiasmo cortez. Afinal, quando eu apresentava S. Patricio, Delphim já se contentava em dizer:

—Hon! bem sei!

Um dia não pôde resistir. Fallava-mos pela trigessima vez na nossa idéa, e eu:

—Você bem sabe que podemos principiar até pelo S. Patricio.

—Diabos levem o S Patricio! berrou o nosso bom Delphim levantando-se irado que nem um d'aquelles bardos celtas que o S. Patricio encovou, diabos levem o apostolo da Irlanda! Estou farto de S. Patricio até aos olhos.

E, ao som das minhas gargalhadas, desanda uma descompostura em S. Patricio, que ainda lhe ha-de causar graves difficuldades no Paraizo.

Tambem consolo-me pensando uma coisa: Emquanto eu fôr entrando pelo Paraizo dentro muito lampeiro, graças ás boas relações que tenho na côrte celeste, hei-de vêr o Delphim, embrulhado com Chamberlain e outros herejes da sua laia, a dar explicações a S. Pedro, sem conseguir convencel-o.

Mas, voltando ao *Panorama*, foi, como disse, ephemera a sua existencia. Ao fim de tres annos, morreu e provavelmente para nunca mais se levantar.

Fallarei ainda e muito de corrida de alguns jornaes em que collaborei sem os conhecer porem intimamente: são estes jornaes as *Artes e letras*, a *Arte*, a *Tribuna*, e mais alguns talvez de que me não lembro agora.

As *Artes e Letras* eram um jornal, que tinha gravuras encantadoras, e que Rangel de Lima dirigia com muito acerto. Ahi se publicaram um ou dois contos de Camillo, algumas deliciasas poesias de Gonçalves Crespo. Eu não fiz outra coisa senão acompanhar com artigo mais ou menos desenvolvidos algumas gravuras.

A *Arte* viveu menos tempo ainda do que as *Artes e Letras*. Dirigia-a o sr. Antonio de Sousa e Vasconcellos. As gravuras d'este jornal eram excellentes

A *Tribuna* era um jornal de um feitio um pouco semelhante ao das *Republicas* que ahi se publicam. O proprietario d'esse jornal era, se me não engano, o sr. Ferrer Farol. Pediram-me para escrever alli umas chronicas semanaes, o que eu fiz, dando-se porém o caso curiosissimo de me não lembrar uma palavra só do que para alli mandei. Não sei o que escrevi, nem quaes foram os assumptos que tratei n'esse jornal. Lembro-me apenas de terem sido alli publicados uns sonetos notabilissimos do sr. Cypriano Jardim. Esses sonetos, denominados *Sphinges*, eram cada um d'elles o retrato de um escriptor, cujo nome se não dizia, mas adivinhava-se facilmente, porque a justeza do traço era perfeita. Esses sonetos formariam hoje uma interessante collecção.

Apezar de não ter querido tratar de politica n'estes artigos, não posso deixar de me referir a um jornal, onde fiz politica, porque tem algum interesse para a historia contemporanea os factos a que me vou referir.

Quando entrou no poder em 1869 o partido historico, foi como representante ainda da fusão, que levára ao poder em 1865 o ministerio regenerador. O meu bom amigo Milicio dirigio-se a Ernesto Biester, a João Ricardo Cordeiro e a mim, e propoz-nos para nos associarmos na fundação de um jornal que sustentaria a situação.

Nenhum de nós tres era politico; eu tinha sympathias regeneradoras, Ernesto Biester era regenerador por todas as suas ligações de familia, e João Ricardo Cordeiro inclinava-se tambem para esse partido. A regeneração porém era francamente alliada dos historicos, e o nosso objectivo sobretudo era aggredirmos os reformistas, partido cujas tendencias nos eram extremamente antipathicas.

Entrámos pois em campanha, dizendo-se-nos que o objectivo era *guerra aos reformistas*, o inimigo era o bispo de Vizeu.

O jornal fundou-se com o titulo de *Gazeta do Povo*.

Encarreguei-me de escrever um folhetim por semana, e de collaborar na secção politica, segundo as necessidades da polemica, e effectivamente alli defendi contra o *Diario Popular* uns actos quaesquer do duque de Loulé. No folhetim é que mais activamente collaborei escrevendo as *Noticias do ceu*, a *Orchestra européa*, a *Caridade e a familia*, *Concilio*, o *Nono cadaver* e muitos outros que depois reuni no volume que se intitula *Ministros, padres e reis*. Alli publiquei tambem um folhetim a proposito da biographia do bispo de Vizeu, que Camillo Castello Branco escrevera, folhetim que não era favoravel ao prelado. Esse folhetim, devo dizel-o, se agradou ao publico, e parece-me que não desagradou não foi egualmente agradavel á redacção.

Já eu estranhára que, com uns pretextos quaesquer, se não publicasse um folhetim, em que eu fazia a historia retrospectiva do ministerio reformista. Recordo-me que n'esse folhetim, que ficou inedito, dizia eu: «Coisa singular! a questão importante era a questão de fazenda, o ministro da fazenda mudou tres vezes e o governo conservou-se. O trunfo era a fazenda, mudava o naipe do trunfo, e o ministerio tinha sempre bom jogo. Ou era milagre, ou era trapaça.»

Effectivamente o ministerio Sá Vizeu teve, quando muito, um anno de existencia, e durante esse tempo teve tres ministros da fazenda: o sr. Carlos Bento, o sr. conde de Samodães, e Augusto Saraiva de Carvalho.

Habent sua fata folhetini! Este fôra destinado ao ministerio, mas o *Jornal do Commercio* estava reformista, e o folhetim não saiu. Eu, na minha santa ignorancia da politica corrente—e quanto lamento nao a ter sempre conservado—encarando-a simplesmente como artista, nem sabia qual era a côr politica do jornal onde escrevia. E' verdade que n'esse tempo no *Joornal do Commercio* cada um escrevia o que queria, e não era de estranhar que o folhetim aggredisse o artigo de fundo.

Mas onde elle caía como a sopa no mel era na *Gazeta do Povo*, jornal que tinha por missão unica saltar nos reformistas. Comtudo pediram-me que o não publicasse. Julgam talvez os leitores que era o folhetim que não prestava. Podia ser, mas fôra condemnado sem ser lido. O que desagradava era o assumpto. O folhetim a respeito do bispo de Vizeu esse não agradou a alguem.

Enfastiado com estas manobras politicas, que eu não comprehendia, despedi-me da redacção. João Ricardo Cordeiro fizera o mesmo dias antes. Ernesto Biester imitou-me dias depois. Ficou só o sr. Melicio, e a *Gazeta do Povo* continuou, mas francamente e exclusivamente historica até expirar. Depois renasceu, apoz um curto intervallo, com o nome de *Paiz*, que se transformou no actual *Progresso*.

Fecharei por agora as minhas *Recordações de um jornalista*. E' possivel, comtudo, que ainda volte lá mais para diante, a emprehender uma nova serie.

PINHEIRO CHAGAS.

SANTO ANTONIO DE LISBOA

O *Economista* enfadou-se um pouco, o anno passado, com o peditorio dos rapazes da rua para o Santo Antonio! Ah! meu caro Carrilho, como isso me custou! Depois, o *Economista* folgou de que a policia houvesse tomado providencias repressivas. Ah! meu caro Carrilho, isso ainda me custou muito mais!

Se os rapazes não pedirem, se não se armarem na rua os pequenos thronos enflorados de cravos e illuminados a rolinhos, o que ficará da tradição popular do Santo Antonio, perguntava eu a mim mesmo, além do manjarico da Praça da Figueira?

Sei muito bem que o peditorio dos rapazes sempre tem tido adversarios. Um d'elles foi Alexandre Herculano. Disse-me um dia Caldas Aulete, o *pae das creanças*, que o grande historiador portuguez embirrava furiosamente com a *quête* do Santo Antonio, e que chegara a escrever um artigo a esse respeito molhando a penna n'um tinteiro de bilis.

Eu, que não partilhava da opinião de Herculano, não podia deixar de contorcer-me com a *local* do *Economista*. Imaginei que, uma vez posta em campo a policia, não escaparia meio rapaz nem meio throno. E doeu-me isso, doeu-me que os rapazes da rua não podessem fazer a sua *Kermesse* annual, justamente n'uma epocha em que as *Kermesses* parece quererem durar todo o anno. Mas, ó deuses immortaes! por muita policia que possa haver, ha sempre menos policia do que rapazes. De mais a mais, Santo Antonio é tão popular em Lisboa, que não ha beco onde o não festejem. A policia, felizmente, não chegou para tudo, e eu, meu caro Carrilho, tive o prazer de ser perseguido em menos de meia hora por quatro assaltadas de rapazes,—de prato em punho.

Se o *Economista* soubesse! dizia com os meus botões.

Se Alexandre Herculano resuscitasse!

Por fim de contas fiz a festa com um pataco, a dez réis por assalto. D'ahi por momentos o meu dinheiro devia estar a arder, mas não é essa por acaso a sorte de todo o dinheiro? Arder, brilhar por momentos na palma da mão, como uma faisca de ouro, relampaguear sonhos de felicidade e grandeza, e esvair-se depois como o fumo! Onde está hoje o dinheiro que tinhamos hontem? Onde estará ámanhã o dinheiro que tivermos hoje? As casas mais poderosas arruinam-se, os proprios bancos estremecem! Hoje uma necessidade, ámanhã um capricho, depois de ámanhã uma ostentação... Hontem, o conde de Farrobo e as noites das Laranjeiras. Hoje... fumo. Queimar... o dinheiro!... Pois se se não faz outra cousa! Uma vez aquelle famoso Bettencourt que se apaixonou pela Sicart... Lembra-se, Carrilho, lembra-se do Bettencourt que se apaixonou pela Sicart? Quando ella apparecia no palco de S. Carlos, elle erguia-se no meio da plateia, palmejava delirante de enthusiasmo, e gritava:

—Bravo... anjo!

Uma vez, esse famoso Bettencourt pediu á Sicart que lhe desse o lenço de *baptiste* em que ella havia chorado uma das suas melodiosas lagrimas de *prima-donna*. Poderia haver custado vinte mil réis talvez esse bello lenço de finas rendas, que a Sicart promptamente lhe deu. Em compensação, Bettencourt enviou-lhe no dia seguinte uma joia que valeria duzentas libras. Para que quiz elle o lenço? Para o queimar, doido de amor. Queimou-o, é certo, lançou as cinzas dentro de um copo de champagne, e bebeu. Depois do celebre caso da perola de Cleopatra nunca se tinha feito uma loucura mais dispendiosa. N'essa taça de champagne arderam, ao mesmo tempo, um coração e duzentas libras. Mas ficára ao menos, de tudo isso, uma recordação saudosa para o apaixonado Bettencourt, como do pataco com que eu me esportulei ha de ficar, para os rapazes que o apanharam, uma memoria não menos saudosa, por certo...

De mais, Santo Antonio não póde ser para mim um santo inteiramente indifferente.

Ha onze annos, o sr. Tavares, o Tavares tio, socio da casa Mattos Moreira,—hoje ha um Tavares sobrinho que continúa honradamente as tradições editoriaes do tio— encarregou-me de escrever um livro a respeito de Santo Antonio de Lisboa. Não se tratava precisamente de fazer um livro no genero do *Sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol*, de Braz Luiz de Abreu; nem um poema como o de Francisco Lopes; nem propriamente uma biographia como a que frei Fortunato de S. Boaventura traduziu do latim. Tratava-se apenas de dar uma fórma romantica, quanto possivel popular, ás tradições milagrosas que circumdam Santo Antonio de uma aureola de gloria eterna.

O livro ia-se imprimindo á proporção que eu o escrevia. Todas as noites, na loja do Mattos Moreira, uma pequena concha cheia de livros e de litteratos que hoje se converteu n'um *mare magnum* de *bijouterias* e *bibelots*, havia cavaqueira animada e alegre. Ia ali Julio Cesar Machado quasi todas as noites; Pinheiro Chagas, algumas; de longe a longe, Andrade Ferreira. *Bento Moreno* (Teixeira de Queiroz) era certo. Eu ia todas as noites levar a contribuição do meu trabalho quotidiano, um capitulo d'esta obra, um capitulo d'aquell'outra, mais uma pagina ao divino, mais uma pagina ao profano, isto só para a casa Mattos Moreira, porque eu estava ao mesmo tempo trabalhando para o Chardron do Porto, para o Tavares sobrinho do Pará, e para o Tavares tio de Lisboa.

Uma faina, em que um corpo fraco triumphava cada dia de uma forte labutação.

No tempo em que eu escrevia o *Livro das flores* e depois o *Livro das lagrimas*, Pinho Leal publicava o *Portugal antigo e moderno*, e não faltava ás noites no Mattos Moreira. Homem original, illustrado e ratão, Pinho Leal discutia, ralhava, cantava, dava volumes ao publico, e vivas ao sr. D. Miguel. Muitas vezes zangava-se. Fel-o desesperar de uma vez o dr. Ribeiro Guimarães, do *Jornal do Commercio*, por causa da *feira da ladra*, e eu fui involuntariamente o pomo da discordia. Tratava-se de saber a origem da palavra *ladra*. Pinho Leal tinha a esse respeito uma opinião, nem boa nem má, que eu citei n'um folhetim, nem mau nem bom, publicado no *Diario Illustrado*. O dr. Ribeiro Guimarães advertiu-me no *Jornal do Commercio* de que a opinião não era boa, mas fel-o, pelo que me respeitava, com uma amabilidade que não estendeu ate ao Pinho Leal. D'ahi a dias desancavam-se ambos, á mão tente, em epistolas a respeito da *feira da lavra*, e Pinho Leal, nas cavaqueiras da noite, pedia aos deuses a cabeça do dr. Ribeiro Guimarães para a refogar n'uma sarrabulhada tremenda de liberalões.

Já lá estão, congraçados na paz do tumulo, os dois contendores, que reviveram agora na minha memoria por causa do Santo Antonio de Lisboa.

O dr. Ribeiro Guimarães estudára muito a vida do santo, n'um artigo do primeiro volume do *Summario de varia historia*. Ahi conta que D. Affonso VI tivera a excentrica phantasia de alistar Santo Antonio como soldado do exercito portuguez. Ahi se refere ao poema *Alphonseida*, de Jeronymo Vahia, que commemora d'est'arte o caso do alistamento do santo, e d'est'arte prefigura as suas façanhas guerreiras:

> Fará coisas nunca ouvidas
> Em favor dos lusitanos,
> Não sendo dos castelhanos,
> Com ser de coisas perdidas:
> Tingirá, cortando vidas,
> De vermelho o burel pardo,
> E com impeto gallardo
> Triumphando em todo o risco,
> Posto que frade é francisco
> Brigará como um bernardo.

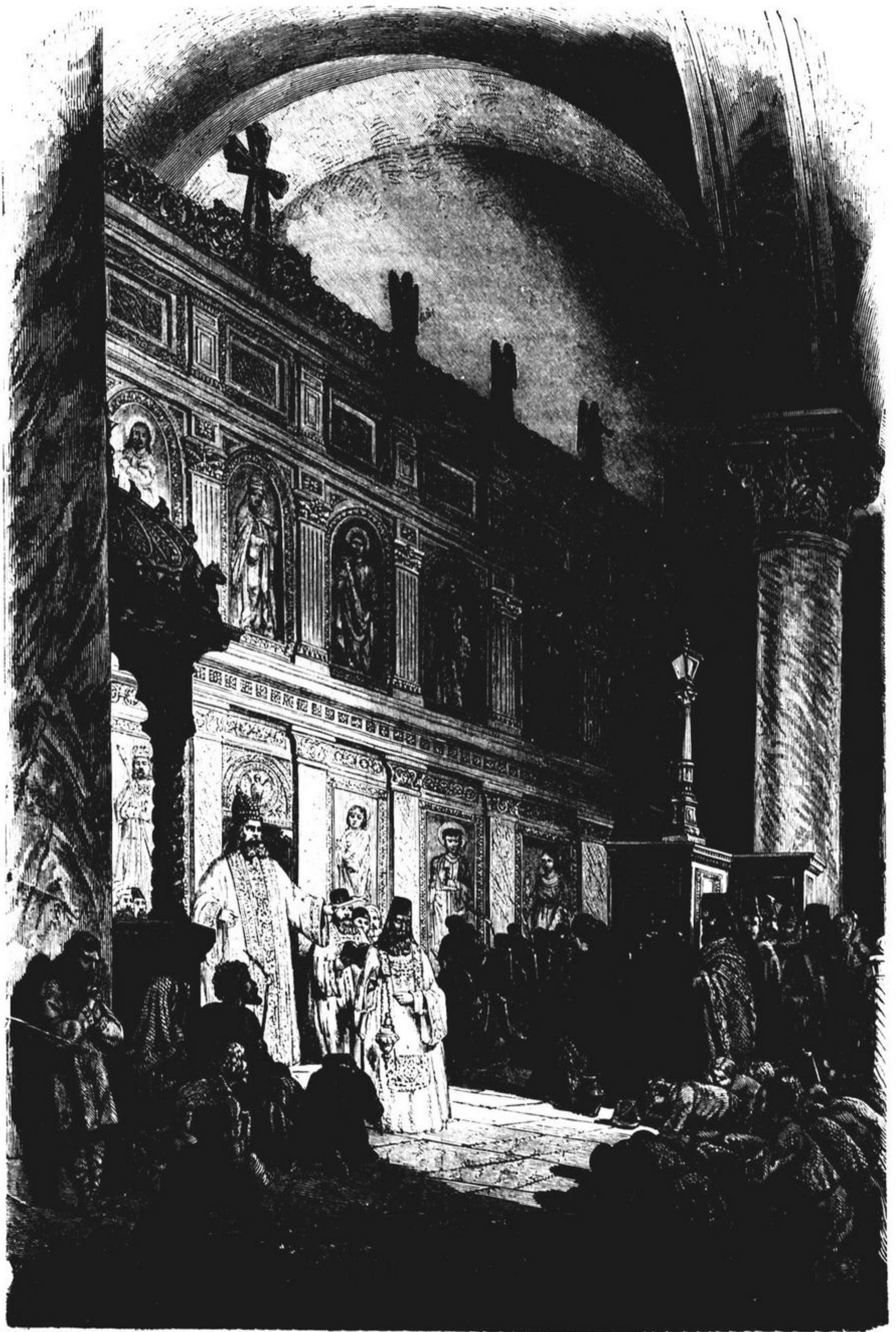
Não sei, porém, se o dr. Ribeiro Guimarães chegaria a saber uma coisa realmente curiosa, e é que Santo Antonio, feito soldado raso por D. Affonso VI, foi subindo em postos e honras, e recebendo soldo.

Eu tambem não sabia, mas disse-m'o o seguinte trecho de um discurso do sr. Aristides Spinola, deputado pela Bahia. Oiçamos, pois, o legislador Spinola:

«Como hoje é dia de Santo Antonio, lembro ao nobre ministro que em Ouro Preto este santo recebe o soldo do capitão, o qual naturalmente é entregue a algum procurador, como acontece em outras provincias.

«Creio que não é heresia pedir a suppressão d'esse soldo, que aproveita ao procurador do santo. Eu tenho aqui algumas notas sobre a fé de officio d'esse illustre official. A carta regia de 7 de abril de 1707 confere á imagem de Santo Antonio da Barra da Bahia o posto de capitão. Esta imagem foi promovida a major de infanteria por decreto de 13 de setembro de 1810. O aviso de 29 de julho de 1859 declarou que o seu vencimento é considerado soldo e é pago pela repartição da guerra.

«Santo Antonio do Rio de Janeiro tem logar mais elevado na hierarchia militar. A carta régia de 21 de março de 1711 confirmou o posto de capitão conferido a Santo Antonio pelo governador Antonio de Albuquerque Coelho e Carvalho, pelo motivo de sua intercessão quando entraram os francezes no Rio, sob o commando de Duclere; promovido a sargento-mór de infanteria por decreto de 14 de julho de 1810, e a tenente coronel da mesma arma por decreto de 26 de julho de 1814, dispensando-se as despezas com sua patente. (Aviso de 22 de agosto de 1814). Foi condecorado com a Grã Cruz de Christo por decreto de 13 de agosto de 1814. O aviso de 13 de agosto de 1833 mandou continuar o pagamento do soldo de tenente coronel ao mesmo official.

«A imagem de Santo Antonio de Goyaz tem soldo de capi-

A BENÇÃO DAS AGUAS

tão, conforme a resolução de 29 de outubro e provisão de 19 de setembro de 1750.

«O aviso de 26 de fevereiro de 1799 concedeu á imagem de Santo Antonio de Ouro Preto o soldo de 480$000.»

Posto isto, é forçoso confessar que a devoção pelo tenente-coronel Santo Antonio, gran-cruz de Christo, tem afrouxado muito durante meio seculo. Por isso não queria eu ver inteiramente apagada a tradição popular que o festeja ainda nas ruas, em thronos de pataco, rodeiados por uma chusma de rapazes que nos assaltam de bandeja em punho. Santo Antonio está visivelmente preterido na sua promoção a general de brigada; o deputado Spinola, da Bahia, ralhou no parlamento brazileiro contra o soldo que elle recebia ou que um procurador de má morte, como dizia o Tolentino, recebia por elle. Se lhe tirarem o pouco que lhe resta, o culto da infancia descalça, dois valverdes que lhe queimam os *gavroches*, o lausperennesinho de rolos de cera, o fragil baldaquino engrinaldado de cravos encarnados, e os vazos de manjarico que verdejam em sua honra crêspos e cheirosos, Santo Antonio desapparecerá do *folk lore* onde a tradição por alguns seculos o conservou, alliando, inconscientemente, os vestigios fugitivos do culto solar com a lenda milagreira do agiologio catholico.

E' precisamente n'esta alliança que se deve ir procurar a origem, á primeira vista inexplicavel, dos festejos populares, tão gorgeiados de cantigas, tão brincados de bailaricos, em honra de um santo que dedicou toda a sua vida á penitencia da vida monastica, e ás praticas severas da virtude.

Pinheiro Chagas escreveu uma vez a respeito de Santo Antonio:

«Ora agora, qual o motivo por que este austero prégador, que tão cedo trocou as delicias do mundo pelas severidades do claustro, e depois o repouso das conesias religiosas pelas agruras da vida mendicante, foi feito pelo povo protector dos ridentes folguedos, é o que não podêmos facilmente dizer.»

Santo Antonio, como S. João, como S. Pedro representam a evolução historica do culto do sol, que cada vez se vae obliterando mais São, para que assim o digamos, os élos que, na enorme cadeia das religiões, prendem o paganismo ao catholicismo. A' ascenção gloriosa do sol para o tropico de Cancer correspondiam na terra as fogueiras que crepitavam em sua honra, na symbolica poetica do povo. Mas os concilios ecumenicos e as constituições episcopaes prohibiram o culto dos astros, do sol e da luz.

O celebre concilio geral, *(Quini Sexto)* celebrado em Constantinopla, tomou a este respeito a seguinte resolução.

«Mandamos que de hoje em diante cessem as fogueiras que nas luas novas accendem alguns diante de suas casas e officinas e sobre cujas chammas usam saltar nescia e loucamente, segundo o costume antigo. Todo aquelle que o fizer, se fôr clerigo, será deposto; se fôr leigo, será excommungado.»

Não obstante todas estas medidas repressivas, o costume subsistiu por largos seculos, e, talvez para illudir os decretos da egreja, recorreu-se ao pretexto do festejar tres santos notaveis do christianismo para continuar a accender fogueiras e a saltal-as.

ALBERTO PIMENTEL.

DESCANTE AO DESAFIO

O amor que tu me tens é uma mão cheia de moscas...
Imagem popular—

E' de vaes-vens a ventura,
mas tu vaes sempre e não vens,
é uma mão cheia de moscas
todo o amor que tu me tens.

F. CALDEIRA.

ELLE

O trabalho vem d'herança
aos mais pobres de fortuna,
mas o trabalho e a esperança
não ha ninguem, que os desuna.

E essa alegria divina,
que nenhum thesouro paga,
tem-n'a o pobre, como a vaga
tem a branca espuma fina.—

ELLA

—Não me falles de trabalho ..
A's proprias hervas do prado
manda o ceu gottas d'orvalho
desde o sol posto ao sol-nado...

Ao trabalho dá-se o dia,
mas o dia nasce e morre
e eu já hoje ouvi na torre
o toque da Ave-Maria...—

ELLE

—Finda o trabalho á noitinha?!
em trabalhos ando eu,
porque sonhei, que eras minha
e de o sonhar fiquei teu.

Mas do ceu dos teus olhares
olha lá se o triste alcança
o orvalho d'uma esperança
na noite dos seus pezares!...

ELLA

—E' que o sol, que te allumia
n'esses trabalhos, parece
que nem tem a luz do dia,
á pressa com que anoitece...

O orvalho procura as flores,
mas a flor dá lhe perfumes...
Tu não tens senão ciumes
para quem só pede amores.

ELLE

Até do ar e da lua
tenho ciumes, confesso...
até das pedras da rua!
Mas então! se eu te conheço!

Teu coração é a imagem
d'um raminho d'açucenas
mas ouvi dizer á aragem
que ellas são feitas de pennas!

ELLA

—Feitas de pennas?! Ingrato!
de penas, que me trouxestes
a mim, que toda me mato
para esquecer que m'as déste.

Mas não te peço piedade,
fallas-me em penas!. . pois falla,
se esse teu prazer eguala
essa tua crueldade—

ELLE

—Não finjas tanta tristeza...
de que vale essa illusão,
se eu sei com toda a certeza,
que não é do coração?...

O teu amor, se o sentiste,
foi mão-cheia de p'rilampos,
que luzem por esses campos
desde o momento em que a abriste.

ELLA

Ha tanto que eu choro tanto,
que se ha mão-cheias de dor
e se ha mão-cheias de pranto,
é mão-cheia o meu amor.

Mas bem póde abrir-se aos ventos
mais ás virações amenas
toda a mão-cheia de penas,
quando as penas são tormentos...

ELLE

—O teu amor é mão-cheia
de flores, que o ar esfolha..
como o vento é que as semeia,
não ha vento que as não colha...

Mão-cheia de violetas
de jasmins e de baunilhas,
q'inda a aragem vem a milhas,
já parecem borboletas.

ELLA

As baunilhas perfumadas,
violetas e jasmins
têm horas abençoadas
de sombra nos seus jardins.

Só nos jardins da amargura
quem ha tantos annos chora,

UMA CAMPONEZA ITALIANA

não teve ainda uma hora
de sombra d'uma ventura;

ELLE

E' de vaes-vens a ventura,
mas tu vaes sempre e não vens,
é uma mão-cheia de moscas
todo o amor que tu me tens.

FERNANDO CALDEIRA.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 45)

V

Vida nova

E todas as reflexões que ia fazendo pelo caminho, a recordação do seu passado, a visão do seu futuro, foram-n'o enchendo, pouco a pouco, de mau humor.

Quando chegou a casa ia aborrecidissimo da sua vida e dando ao demonio as aventuras amorosas e as mulheres casadas.

Antonina quizera esperal-o, mas não podera—Perdera quasi a noite da vespera, e as profundas commoções que atravessára n'esse dia tinham vencido o seu robusto temperamento de mulher, e apezar da curiosidade enorme de saber o que se passára na estação do caminho de ferro, de conhecer o ultimo capitulo da sua vida antiga, o somno vencera-a e prostrára-a sobre uma *chaise longue* de cretone de casa modesta do homem só, do seu amante.

Antonio entrou em casa sem perguntar por ella, e sem fallar mesmo á criada velha, que somnolenta lhe viera alumiar á escada; dando-lhe as boas noites, dirigiu-se para o seu escriptorio.

—Não faça bulha, observou a criada, ella está alli a dormir.

—Está bom, accenda-me o candieiro do meu quarto.

E entrou no escriptorio. Antonina estava tão profundamente adormecida que não deu pela sua chegada.

Elle olhou para ella, e ficou-se um momento a contemplar em silencio aquella mulher, que tão estranha revolução viera operar na sua vida.

E, pouco a pouco, a sua fronte começou a desenrugar-se e o seu rosto a tomar outra expressão, que reflectia uma ordem de idéas e de sentimentos inteiramente diversas.

A contemplação d'aquella formosa mulher ali adormecida accordou a sua sensualidade feroz de sanguineo e fez-lhe esquecer todo o passado e todo o futuro, avivando-lhe apenas a idéa de que lhe pertencia agora completamente, sem restricções, sem partilha, aquella esplendida mulher que tão vivamente impressionava os seus sentidos.

E estava realmente deslumbrante Antonina, no abandono molle e languido de um somno provocador, que dir-se-ia ser uma astucia aphrodisiaca de *coquette* habilissima, conhecedora de todos os seus effeitos.

E não era, diga-se em honra de Antonina, que dormia profundamente, que adormecera completamente vencida pela fadiga d'esse dia tempestuoso, sem o mais ligeiro pensamento reservado de *coquetterie*.

Semi deitada no sophá, em que se sentára á espera de Antonio, o somno, apoderando-se d'ella, fizera-lhe pender para traz a cabeça, procurando o apoio do espaldar da *chaise-longue* Sentindo-se dominada por essa somnolencia narcotica a que não podera resistir, e incommodando-a, afogando-a, o vestido que abotoava até acima, ao pescoço, ella, por um movimento quasi automatico desabotoára-o até á cinta: a mão pendera-lhe depois ao longo do corpo, e o *corsage*, escancarando-se pouco a pouco, deixára a nú as alvuras deliciosas do seu collo alto e elegantissimo emergindo das rendas caprichosas da camisa, e da prisão elegante do collete de seda escura que constratava tão singularmente com a brancura excepcional d'aquelle encantador seio de mulher.

O somno fora-lhe aconchegando inconscientemente o corpo na *chaise-longue*; o vestido, á proporção que a posição horisontal se desenhava, fôra subindo, e o pé direito pendia-lhe a descoberto do sophá, com o seu elegante sapatinho de polimento muito decotado, d'onde sahia o peito do pé opulento, gracioso, como o peito d'uma pomba *farta e satisfeita*, coberto por finissima meia de seda escarlate, em que a phantasia do fabricante desenhara a matiz um ramo de rosas cujas hastes verdes e espinhosas se enrolavam pela perna acima, como as heras pelas coxas da lubrica Venus de Camões, perdendo-se acima do joelho nas alvuras das saias, que se estendiam caprichosas, ao acaso, sobre a *chaise-longue*.

Antonio contemplava Antonina fascinado, deslumbrado, esquecendo-se de tudo que o apoquentára, dos espinhos da sua situação actual, de que via só agora as rosas.

Veio arrancal-o a essa contemplação estatica a voz arrastada, rabujenta, cheia de somno, da velha creada, que lhe disse lá de dentro, do seu quarto, que era contiguo áquella casa:

—Cá está a luz no seu quarto, senhor.

—Bom, bom, respondeu Antonio, como que despertando, póde-se ir deitar.

—Então, muito boas noites, respondeu a velha.

E d'ali a nada, por um escrupulo amavel de serviçal, tornou a perguntar com certa malicia:

—Não precisam mais nada?

—Não.

—Então, muito boa noite, repetiu ella.

E ouviram-se pouco depois uns paços arrastados, pesados, vagarosos, subindo demoradamente os degraus que conduziam ao sotão.

Antonio, immovel, escutou esses passos attentamente: e quando elles pararam, quando se sentiu o fechar de uma porta, aproximou-se de Antonina, e debruçando-se sobre ella, agarrando-se á *chaise-longue*, deu um demorado beijo sensual nas suas faces palidas e formosas.

—O que é isto? balbuciou Antonina accordando languidamente, abrindo vagarosamenre os olhos.

—Sou eu, é o teu Antonio, respondeu com voz tremula de namoradp ardente o grave sr. Fonseca.

—Ah! és tu! Então elle partiu? perguntou Antonina querendo sentar-se na *chaise-longue* em que estava semi-deitada.

—Partiu. Estamos sós, livres, somos um do outro e eu adoro-te, disse febril de paixão Antonio, estreitando-a nos seus braços.

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

OS BRAZILEIROS

(Conto)

Era um logarejo, o de S. Vivente; tão pequeno que quasi se fechava na mão, como dizia o sr. padre cura.

N'um pequeno valle, surgira este pequeno povoado, rochas altas em volta, descarnadas e vulcanicas, cortadas em arestas duras, como se um tiro colossal de dynamite as houvesse esquartejado. A cor da lava esfriada tingindo tudo de uma *nuance* de azeite. Pedras derretidas, formando *fauteuils* fantasticos, aqui e alli collocados para descanço dos habitantes pacificos, no serpenteio dos atalhos. No meio do valle, o largo tapete de relva verde-mar, fendido como uma pupilla de gato, por uma larga ribeira servindo de escoadoiro ás aguas.

N'este sitio alpestre, nasceu e medrou a Maricas, tão arisca e tão agil como as cabras que saltavam de precipicio em precipicio. Cabellos soltos ao vento, carnes expostas ao sol calcinante de julho.

Um dia, houve o que quer que fosse com o reverendo cura... por detraz dos moinhos. A Maricas já era uma cachopa de truz e ninguem havia na aldeia tão entendido em esthetica como o padre, para apreciar aquelles seios redondos e turgidos, o pé breve e bem posto, o quanto se podia ver de uma perna bem torneada e lisa, a mão pequenina e polpuda, o cabello setineo e basto, a epiderme doirada pelo sol, dando dobrado encanto á alvura dos dentes e ao brilho d'uns olhos tão formosos quanto selvagens na sua expressão d'espanto permanente.

Fôra por isso que o cura, ainda novo, se deixára emmaranhar nas garras anacreonticas d'aquelle bucolismo de primeira agua. Era porém estreita a tela para tão grande assumpto. Cem olhos vorazes espreitavam os cimos do presbyterio e viram o padre atirar com a batina ás ortigas da castidade.

Céleres e convictos, arrancaram os anciãos para o povoado mais proximo a contar o infando caso, e d'alli endireitaram para a cabeça do concelho a avistarem-se com o ouvidor, ante o qual depozeram trementes d'indignação contra o sátyro de corôa aberta que, por entre as messes d'oiro, soltava berros lascivos, capazes de desafiar algum castigo do céo.

O ouvidor, inflammado no sacro fogo da austeridade christã, procedeu a informações seguras e officiou ao prelado que, por seu turno, suspendeu de missa o cura, descollando-o em beneficio d'outro confrade.

O padre, novo, vigoroso e intelligente, estomagou-se com o caso e propoz á Maricas o embarque d'ambos para o Brazil. Uma bella noite desappareceram, deixando atraz de si a surpreza e os gritos indignados das velhas flandeiras e dos energicos tecelões.

Nunca mais se soube d'elles. Nas aldeias, a monotonia da vida, dá uma sonoridade tal ás fortes impressões do espirito, que resoam constantemente no cerebro, atravez das mil e insignificantes vicissitudes quotidianas. A recordação pois da Maricas e do cura, jámais se apagou da memoria dos seus conterraneos.

Um dia, ao cabo de vinte annos, um estrepito desusado despertou os echos do valle. Era n'uma tarde de verão e dia santificado. Com essa immobilidade apparente da natureza, o valle offerecia a mesma paizagem de lava e esmeralda. Sómente a população augmentára um pouco, e, no terreiro publico, era mais numeroso o grupo dos dançantes e mais denso o cordão dos espectadores. Imagina-se o espanto de toda aquella gente, quando pelo atalho com pretenções a estrada, que descia ao coração do valle, principiou a descer uma numerosa cavalgada, a mais divertida que se póde imaginar.

Abria a cortejo um rechonchudo moleque de beiço revirado e olho vermelho como um diabo de magica, escarranchado n'uma egua. O fato branco e o largo chapeu de Chili, punham uma nodoa de cal virgem n'aquelle garrafão humano d'aguardente.

Atraz, seguiam cinco creadas pretas, moças e garridas, montadas em burros, que os arrieiros maliciosamente picavam. Eram então, gritos medonhos, risadas monstruosas, saindo das cavernosas fauces escancaradas das escuras *amazonas*.

No centro do singular cortejo — ó espanto! ó assombro! — dentro de duas redes, ás costas de quatro possantes negros, seguiam, insolentemente deitados em coxins de setim escarlate bordados a oiro, o *sinhô* e a *sinhá* d'aquella roça ambulante.

No coice da negra procissão, quinze pretos carregados com quinze bahus, de fazer tremer de pavor os nossos mais reforçados gallegos, caminhavam a passo rapido, cobertos de poeira.

Todo este estranho cortejo estacou de repente á porta da casa dos paes da Maricas. Saltaram ligeiramente a terra pretos e brancos.

Apenás a *sinhá* saltou da rede, toda a gente do logar proferiu uma praga d'espanto. Era a Maricas e o *dianho* do padre cura, que vinham *lá d'esses Brazis!* Mas uma Maricas vestida de seda azul clara, listada de branco, e coberta de joias, com umas faces cheias e rosadas, uns quadris salientes e um chapeo carregado de pennas, capaz de matar d'inveja todos os nossos generaes. No pé, sapatinho de pellica preta, muito aberto, deixando ver a meia de seda côr de carne bordada a matiz. Ao lado d'ella, o ex-padre cura, de luneta d'oiro n'um nariz de proprietario de roça, e umas barbas grisalhas e importantes de presidente de provincia. O largo chapeo Panamá, o grande paletot-sacco, o forte cipó e um abdomen tão proeminente como a sua posição social no Novo Mundo.

A Maricas entrou na casa paterna, surprehendendo os paes no meio de uma soneca respeitavel. Abraçou-os e beijou-os. Quiz vêr todos os irmãos, sobrinhos, tios e primos. Depois, quiz ver toda a aldeia. Foi ao terreiro, bailou, recordando-se do seu tempo de solteira; porque a rapariga havia casado com o padre, que se fizera protestante, com esse fim.

Os novos brazileiros estavam riquissimos e por isso choviam as esmolas em todas as casas da freguezia. Maricas livrou muitos mancebos do recrutamento e por isso vio-se lisongeada, festejada e querida como uma rainha. Camponeos de muitas leguas em redondo, vinham ao logar, só para a ver. Havia mesa franca para todos. Os pretos despejavam, todos os dias, barris d'aguardente de canna com a rapidez d'Alviellas... Dançava-se toda a noite no terreiro, ao doce luar dos Açores, o batuque desenfreado, ao som de marimba e de harmonium, com grande gaudio da rapaziada do sitio.

Esta edade d'oiro em miniatura, esta caldeação de *prata e cobre* nos colloquios amorosos, sob o ceo calido das ilhas, durou quinze dias, findos os quaes, a Maricas voltou para o Brazil, rodeada do povo de vinte freguezias e dos foguetes de vinte pyrotechnicos. Antes de partir, porém, deu-se um facto curioso. A egreja conservava todo o seu rancor contra o ex-cura. A fama da bacchanal que ia na aldeia chegou até ao reverendo ouvidor, e querendo este vingar a fé e a egreja ultrajadas por aquelle apostata, que se atrevia a affrontar, de luneta d'oiro e grandes barbas, as iras ecclesiasticas, apostolicas e romanas, concertou com o parocho para este lhe apresentar um auto de noticia da apparição do hereje, afim de ser relaxado ao braço secular como réo de um desvio de dinheiro na caixa das almas.

Avisado secretamente o brazileiro, do que se tramava, dirigiu-se ao presbyterio e alli encontrou o parocho, hirto de sanha ecclesiastica, redigindo o famoso auto. Tão embebido estava na piedosa obra, que não deu pela arribada do seu rival em Christo. Foi preciso que o brazileiro sacudisse em cima da mesa a coronha de uma pistola enorme de capitão de matto, para que o digno parocho désse um pulo na sua cadeira d'espaldar e levantasse o nariz. Imagina-se facilmente o espanto que se apoderou do santo homem á inopinada vista d'aquelle barbaças protestante.

O brazileiro, sem dizer agua vae, tomou o auto de noticia, leu pausadamente, á brazileira, depois rasgou-o em plena cara do parocho estupefacto e tirando de dentro das insondaveis algibeiras, um auto de noticia jé redigido e prompto, em que se declarava, em resposta ao officio do ouvidor, que, nunca na caixa das almas d'aquella freguezia se dera desvio algum de dinheiro, apresentou-o tranquillamente com a mão esquerda ao padre, para o assignar, ao passo que lhe apontava á cabeça, com a mão direita, a terrivel pistola.

O parocho olhou em roda, a ver se encontraria meio de salvação; mas o ex-cura que lhe seguia todos os movimentos, exclamou com a sua voz grave, fria e cortante como uma navalha de barba:—Homem! Não seja asno!

Esta apostrophe eloquente decidiu-o. Assignou.

O brazileiro recolhendo o auto e mettendo-o no bolso, disse então com uma amabilidade de fazer calafrios:

—Vou eu mesmo entregar este papel ao sr. ouvidor.

E despejando sobre a mesa a sua bolsa cheia de libras, accrescentou com um sorriso indiscriptivel:

—Isto é para... os pobres.

E desappareceu.

José Maria da Costa.

AS NOSSAS GRAVURAS

O REI DA SUECIA, OSCAR II

Este liberal e illustrado soberano é filho de Oscar I, succedeu a seu irmão, Carlos XV, em 18 de setembro de 1872, foi coroado rei da Suecia e Noruega em 18 de julho do anno immediato, e casou, no dia 6 de junho de 1857, com a princeza Sophia Guilhermina Marianna Henriqueta, filha do fallecido duque de Nassau.

Oscar II é um homem de elevada estatura, trigueiro, de barba grisalha e enormes bigodes. O seu typo é dos mais sympathicos e attrahentes.

O monarcha sueco tem um decidido amor pelas bellas-artes; pinta admiravelmente e faz magnificos versos.

Do seu consorcio com a rainha Sophia, o rei Oscar conta já quatro filhos, o mais novo dos quaes se chama Eugenio Napoleão.

A BENÇÃO DAS AGUAS

A nossa gravura representa o acto da benção das aguas, em sabbado d'Alleluia, n'um templo moscovita.

N'aquelle dia a ninguem é permittido o beber ou comer antes da ceremonia se effectuar, isto é, ás quatro horas; então bebe-se a agua benta e todos tomam as suas refeições com o coração a trasbordar de santa alegria.

Para fazer provisão d'agua benta, homens e mulheres correm ás egrejas com potes, jarros e urnas; cada fiel leva uma vela, que accende no sanctuario, para depois a collocar defronte da imagem do seu patrono, onde acaba de se queimar.

UMA CAMPONEZA ITALIANA

A Italia, pelas condições do seu clima, pela limpidez do ceu, pela fertilidade do solo e pela salubridade do ar, tem uma população bella, intelligente e cheia de vigor.

Damos hoje, em gravura, um esplendido especimen da belleza da mulher italiana, uma deliciosa phisionomia realçada pelo aspecto pittoresco do trajo, que é formosissimo, muito mais ainda que o das nossas camponezas do Minho e Douro.

MILITARES ILLUSTRES

OS GENERAES CANAVARRO E MELLO BREYNER

Esconderam-se ambos, ha poucos dias, na paz serena do tumulo.

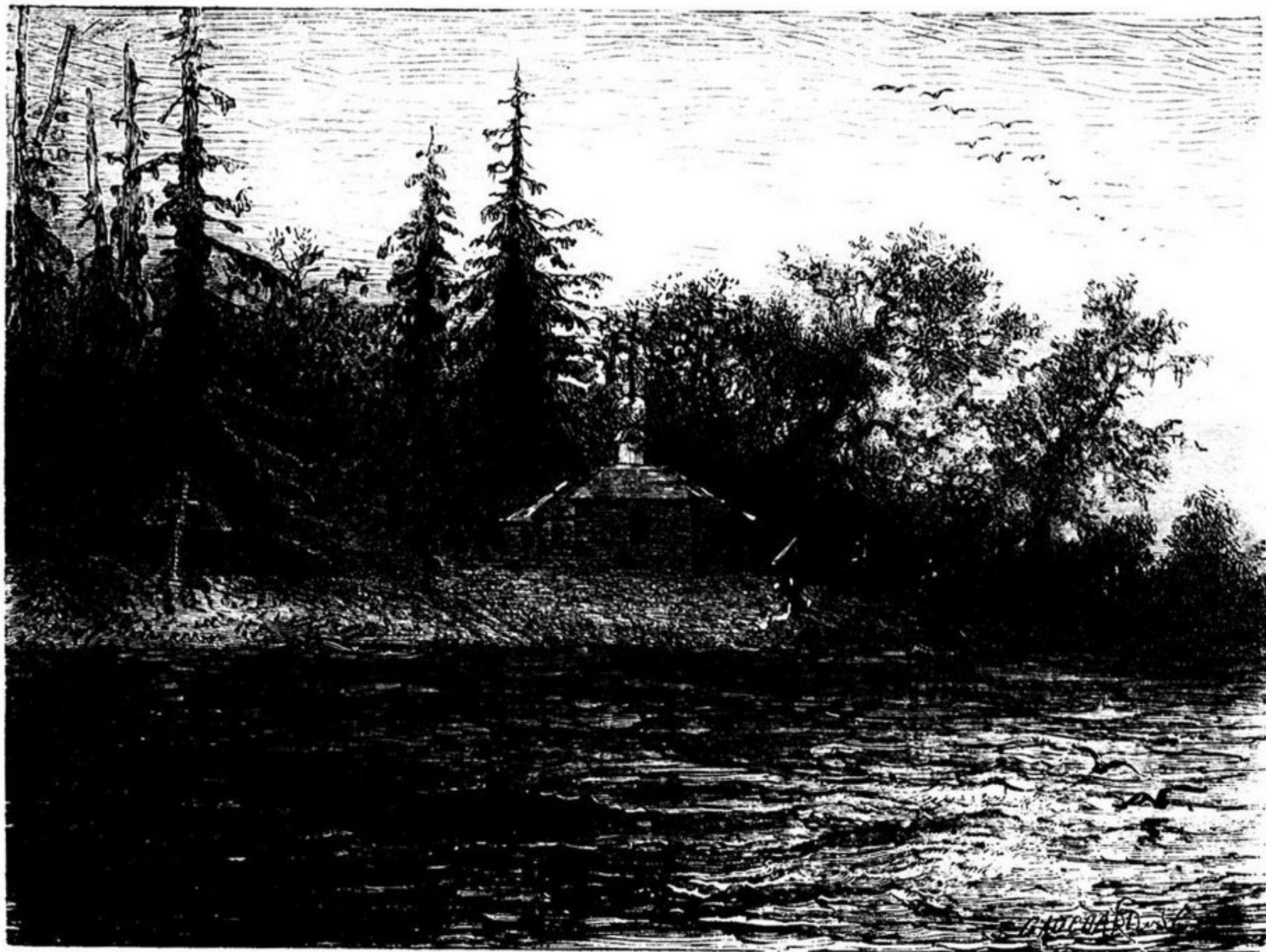
O primeiro d'estes mortos illustres, o general Francisco de Sousa Canavarro, era descendente d'uma familia de bravos, e honrou o exercito portuguez, servindo a causa da liberdade.

MILITARES ILLUSTRES

GENERAL MELLO BREYNER

GENERAL CANAVARRO

O segundo, Antonio de Mello Breyner, além de ter, como o seu glorioso companheiro d'armas, servido aquella santa causa, era um dos officiaes mais illustrados do nosso exercito; combateu intrepidamente nas linhas do Porto, sendo gravemente ferido nas acções de 29 de setembro e 15 de julho; assignalou-se em Leiria, Torres Novas, Pernes e Almoster; desempenhou, com aptidão notavel, as funcções de commandante do corpo de estado-maior; foi deputado em varias legislaturas, e deixou, como escriptor erudito, o seu nome firmado em muitas obras e opusculos de grande valor, que terão de ser consultados por quem se der ao estudo das sciencias militares.

Ambos elles serviram a patria honradamente, como o attes-

MARGEM DO DWINA DO NORTE

tam as veneras que lhes constellavam os peitos, e ambos são, portanto, dignos de que o paiz lamente comnosco a sua morte.

MARGEM DO DWINA DO NORTE

O Dwina do Norte é um rio da Russia europea, tributario do Oceano Glacial artico. Depois de ter banhado a cidade de Arkhangel, desagua no mar Branco por um golfo de 37 kilometros. O seu curso é de 670 kilometros.

As margens do Dwina são bastante formosas e muito pittorescas. Ao longe, a perder de vista, estendem-se por ellas frondosas mattas de pinheiros seculares.

N'estas regiões ergue-se um grande numero de cruzes, cravadas nas margens e costas do rio. Quando o ceu se torna ameaçador, o marinheiro desembarca, levanta uma cruz, ajoelha e reza; logo que a bonança lhe sorri, levanta-se e parte, deixando na praia aquelle padrão dos seus sentimentos religiosos. Cada cruz representa uma tempestade.

O CONVENTINHO DO DESAGGRAVO, EM LISBOA

O conventinho do Desaggravo, como vulgarmente lhe chamam, está erguido defronte da incompleta egreja de Santa Engracia, proximo do Campo de Santa Clara.

A egreja foi fundada em 1294 por uma D. Ignez, viuva de D. Vivaldo, nacional de Genova D'este mosteiro amplissimo, exceptuando o dormitorio chamado da benção, e o dos corredores, duas varandas e algumas capellas, tudo o mais, que abrigava cerca de 600 mulheres entre religiosas, educandas, recolhidas e criadas, ficou ou de todo abatido, ou completamente arruinado com o terremoto.

O seu famoso templo, que era um monte de ouro, ficou totalmente prostrado, excepto a tribuna e costas da capella-mór, sepultando mais de quatrocentas pessoas, que estavam assistindo aos officios divinos. O côro de cima tambem abateu e serviu de sepultura, com as suas ruinas, a cincoenta e seis religiosas, oito educandas, uma noviça, quatorze recolhidas, quarenta e tres criadas, e nove escravas, que morreram n'este enormissimo desastre.

A infanta D. Maria Anna, filha de D. José I, julgando-se devedora a Deus pelo facto de a ter livrado de uma grave molestia, em agradecimento mandou, no local d'este arruinado convento, levantar um outro, com approvação e auxilio da rainha D. Maria I. Em 23 de outubro de 1783 entraram n'este pobre conventinho 4 freiras fundadoras, com 8 recolhidas e 6 noviças. Houve n'esse dia um solemne pontifical, a que assistiram as pessoas reaes

Antes da fundação d'este conventinho, existiu, pelo espaço de perto de cinco annos, no mesmo sitio, um recolhimento fundado pelo marquez de Angeja, em cumprimento de um voto feito no caso de melhorar d'uma perigosa enfermidade a marqueza, D. Francisca de Assis. Entraram ali 4 meninas, em 22 de maio de 1779. Mais tarde chegaram as recolhidas a ser 15, vivendo, em geral, das esmolas dadas pelos fieis.

Morreu a infanta D. Maria Anna no Rio de Janeiro, em 16 de maio de 1813, e ficou ali depositada, no convento de Nossa Senhora da Ajuda, onde as religiosas lhe fizeram exequias muito solemnes. A noticia do fallecimento d'esta senhora chegou ao Conventinho em julho do mesmo anno, e passados alguns dias tambem n'elle se fizeram solemnes exequias, com grande pompa.

Em 3 de janeiro de 1822, pelas 11 horas da noite, chegou ao convento o cadaver da infanta D. Maria Anna, o qual, depois de responsos cantados pelos frades do convento da Graça, ficou ali depositado, no côro de baixo, em um tumulo, onde se acha presentemente.

A vida das religiosas d'este mosteiro é muito austera; o seu leito, uma cortiça; o seu travesseiro, um madeiro; o vestido interior estamenha; o exterior, burel; o calçado, sandalias; os jejuns frequentissimos.

As freiras do Conventinho festejam, em 16 de janeiro, o Sacramento, e teem Lausperenne em todas as quintas-feiras do anno.

A egreja e convento são muito pequenos e pobres, e nada offerecem de notavel, nem digno de especial menção.

Em tempos mais antigos, saía da egreja d'este convento uma procissão á meia noite, a 16 de janeiro, em desaggravo do Sacramento, ultrajado nos sitios de Santa Engracia.

UM CONSELHO POR SEMANA

Os olhos são os reis do rosto, dois soes que o illuminam com o seu brilho intenso. Infelizmente, porém, estes orgãos tão preciosos são d'uma extrema fragilidade, e a menor alteração faz-lhes perder quasi toda a belleza. E' pois necessario ter o maximo cuidado na sua conservação.

Eis aqui uma receita para curar as palpebras vermelhas e inflammadas:

Precipitado rubro..........	10 centigrammas
Vaselina....................	10 grammas

Untam se as palpebras de noite, ao deitar, com este preparado, e de manhã lavam-se com agua de chá tepida.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Na morte este vaso cobre o defunto—1—2
Não presta, esta minha parenta, por ser aleijada—1—2.
No coração d'esta mulher achei uma pedra—2—2.

AUGUSTO CESAR T.

Esta cidade prende este homem—4 1.
Esta cidade e bonita mulher—2—2.
Este rio incommoda este grande do reino—2—1.
Este estabelecimento corre para este homem—3—2.
Adore com dinheiro esta região-2—2.
Não andes, porque esta medida é geometrica-2—2.

Batalha. J. FERNANDES ARAGÃO

Logogriphos

Tu, bella e nobre cidade,—15, 9, 17, 2, 13
Na Europa mui conhecida,—2, 4, 11, 3, 12, 9
Foste linda divindade—12, 10, 2, 13
Nos jardins appetecida—17, 21, 13, 11.

Hoje, nova Babilonia,—3, 14, 6, 20, 17, 16, 13
Cheia d'homens vis, mesquinhos,—13, 9, 3, 4, 16, 11, 18, 5, 10, 16, 13
E reles. Cidade erronea!—8, 16, 13, 13, 19, 1, 9
E's um covil de damninhos!—3, 11, 18, 10, 7, 16, 13.

Põe as mãos, implora a Deus,
Ora pois com devoção,—10, 16, 14, 11
Se quizeres, para os teus,
Dos Ceus alcançar perdão!—8, 2, 16, 20, 11, 13, 16.

Descobre Verrier mais um Planeta,
Euclides dicta leis á Geometria,
Vem Franklin inventar o Para-raios,
E descobre Chaldeo a Astronomia,
Newton o gravitar acha dos Astros;
Mas este agora então o que faria?!!!...

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

(A Antonio de Sousa Franco, em retribuição ao seu—*Emiliano*)

Soffro umas dores horriveis
Bem junto do coração,—1, 2, 7, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 6

Causador d'esta doença,
Que dizem inflammação—1, 2, 3, 9, 5, 6, 3, 8, 9, 10, 4, 12
O doutor meu assistente
Na sua terra natal—1, 6, 7, 11, 12
E' medico de boa fama
E tem provisão real—5, 6, 3, 10, 6
E, creiam que tem sciencia
E destreza em op rações,—1, 2, 3, 11, 5, 4, 6
Pois assim, com tal virtude,—5, 6, 3, 11, 8, 6, 8, 2
Nem precisa outros brazões.
Apresental-o, leitor,
Quer-me par'cer, em verdade,
Que é um serviço importante
Para bem da humanidade
Portanto, só digo o nome,—6, 3, 4, 12, 10, 11, 8, 2, 12
Está feita a apresentação.
Procura-o, se acaso um dia
Soffreres esta *inflammação*
No tal orgão melindroso
Que tens junto ao coração.

RICARDO M. CRUZ E ALMEIDA.

Lá no extremo da terra—1, 2, 8, 2
Entre rochas, sou caverna:—6, 3, 5, 4, 7
Mas sendo peixe do rio,—4, 3, 5, 4, 7
Sinto uma tristeza eterna.—8, 5, 4, 2

«Eis aqui quasi o cume da cabeça
Da Europa toda, o reino lusitano,
Onde a terra acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.

Camões, cant. 3.º est. 20.»

Mathosinhos. PIM-PAM-PUM.

Carta enigmatica

Presado 6, 9, 4

Deve estar 3, 2, 5, 8, 10 pelo meu 6, 4, 1, 3, 2 proceder, porém o 2, 5, 8, 4 não é meu, e se d'esta vez não fui 8, 2, 6, 10, peça uma reparação á minha sorte; supponha que estando eu no 1, 9, 4, dentro do meu barco, cahiu a 6, 4, 1, 5, 2 do 3, 8, 2, 6, 7, 5 ao descarregar um 6, 9, 8, 10, e as pedras quebraram a 8, 2 do meu batel, que estava 3, 2, 1, 6, 4. Imagine que 6, 2, 1, 8, 10, 5 seria o meu; e ainda o 3, 2, 4, 8 é que fiquei todo 1, 4, 6, 7 e enxarcado como um 3, 9, 6, 4: felizmente, o meu 3, 5, 2, 6, 10 da Terra Nova trouxe-me a 3, 7, 2, 6, 4 seguro. Pelas ruas soffri grande arrelia, e 3, 4, 2 cima uma constipação, que me poz 6, 8, 4, 3, 7; mas agora estou são como um 3, 2, 1, 7. E com isto nada mais 5, 2, 3, 9, 6, 4.

8, 2, 9, 6, 4, 1

CONCEITO

Todos os annos eu venho
E sempre em dias mudados;
Tambem trago minhas luas
Com seus quartos minguados.

Não são só os almanachs,
Modernos seringadores,
Que dão aos annos juizo
E lições aos lavradores.

Vianna do Castello. M. S. VALENÇA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: — Vianna—Piolho—Marca—Cirita—Bisca—Trepano—Arteria—Gregorio—Pangaio.
DOS LOGOGRIPHOS: —Chaveco—Guimarães.
DO PROBLEMA: —O primeiro quarto tem 20 pessoas; o segundo 14 e o terceiro 16.

A RIR

Fallando das coisas de Hespanha, o deputado Galiao diz que aquelle paiz não estará salvo emquanto ali se não organise o exercito pela forma seguinte:

«Todos os habitantes serão soldados em tempo de paz. Em tempo de guerra poderão conceder-se algumas excepções.»

*

Entre authores dramaticos:

—Meu irmão mais velho faz a lettra, o mais novo compõe a musica, e eu canto, dizia F., fabricante d'operas comicas ineditas.

—E quem se encarrega de patear tudo isso?

*

Falla-se d'um sabio.

—Que homem tão profundo! Até educou a familia mathematicamente!

—E' verdade. Por isso a mulher se lhe escapa pela tangente.

*

Dito colhido no Colyseo:

—Este homem torto, que está á minha esquerda, deve ser necessariamente um sabio!

—Porquê?

—Porque, quando estuda um livro, lê sempre duas paginas ao mesmo tempo.

CANTORA AMBULANTE

(TYPO DAS RUAS)

Uma existencia misera de cega quinquagenaria, arrastando pelas ruas a sua personalidade exotica de accordo com umas trovas horripilantes de auctores desconhecidos, faziam d'ella um typo genuino das praças publicas, d'essa desgraça que deslisa cantando á superficie da sua enorme fatalidade.

No tempo em que os realejos ainda pompeavam pelas ruas de Lisboa, trechos do *Barba Azul* e da *Gran Duqueza*, do *Trovador* e da *Norma*, com acompanhamento de guisos e campainhas agitadas por um misero macaco vestido de vermelho e grunhindo de fome, a cega estabelecia-se na esquina da rua Augusta, no ultimo quarteirão proximo ao Rocio, e ali soltava, ás frescas brisas do outono, as notas atroadoras da sua voz inclassificavel. Era uma mulher alta, direita, de andar grave um tanto magestoso, como o das antigas rainhas de tragedia, rosto cadaverico d'um amarello de cera conventual, labios delgados, e os olhos plenamente fechados, dando-lhe ao rosto aquella dureza inexpressiva e fria dos cegos.

Acompanhavam a um velho esfarrapado, immundo e parvo, d'aquelles que, desde o berço até á cova, viveram immersos no hypnotismo da idiotice e da indifferença, e um cão pequeno, esfaimado e sujo, de olhar intelligente e orelha arrebitada, que parecia dizer á multidão: *«tenho dó d'estes desgraçados e não os abandono.»*

A velha assentava-se n'um banco tosco, e empunhava uma viola gretada e sebenta, onde a afinação e a nota fundamental se perdiam no cahos horrendo dos instrumentos selvagens.

O velho encostava-se á esquina, de bandeja de chumbo estendida ao obulo, e os olhos cerrados n'uma modorra feliz de resignado indifferente. O cão estendia-se aos pés da cantora, focinho entre as mãos felpudas e enlameadas do lodo dos caminhos, ventas tremulantes, olhos muito dilatados, e a cauda ondulando n'umas agitações de impaciencia.

A misera raspava nos bordões uns sons asperos e agrestes como o perpassar do sudoeste por entre uma montanha de ossadas carcomidas, ageitava-se no banco, elevava ao ceu os olhos sem luz, e abrindo a bocca disparava a primeira nota d'uma ressonancia enorme, que, como aza de um morcego monstruoso, ia arranhando impiedosamente os ouvidos dos transeuntes!

Apoz esta nota vinham uns *smorzandos* cavernosos e lugubres, e uns trinados metalicos como um chocalhar de matracas em quarta feira de trevas, e depois outra nota, mais extensa, mais vibrante, mais furibunda que a primeira, e os pacificos cidadãos passavam medrosos e aterrorisados diante d'aquella garganta portentosa.

Os dós do peito da pobre cega succediam-se a espaços regulares, como o troar da artilheria em dia de funeral de personagem regio.

Alguns compassivos deixavam cahir na bandeja o obulo da caridade, e o velho continuava de braço estendido, labios unidos e indifferentismo no rosto, ao lado da cega, até que esta terminava a trova.

Então ella levantava-se com uma certa distincção de orgulho, talvez pela sua voz prodigiosa, o velho tomava o banco e a viola, que uma vez unidos se não podiam distinguir, o cão rompia a marcha, e lá iam todos tres, silenciosos e tristes, por essas ruas fóra, onde perpassavam mulheres felizes exhibindo setins e rendas, e amanuenses litteratos com sebo no chapeu e parvoices nas algibeiras do paletot.

Aquella existencia de correrias e pulos com rebolamentos na areia e sob o correctivo indignado das bengalas publicas, era lá para elles, uns miseros freguezes dos barris do lixo, sem eira nem beira, nem mão dedicada que os affagasse.

Elle era pobre, é certo, mas pertencia á classe dos cães respeitados pela lei. Era um cidadão canino, tinha casa, tinha dono, tinha uma existencia prevista pelas posturas municipaes, devia mesmo pagar decima, e não ousava misturar-se com a canalha da sua especie.

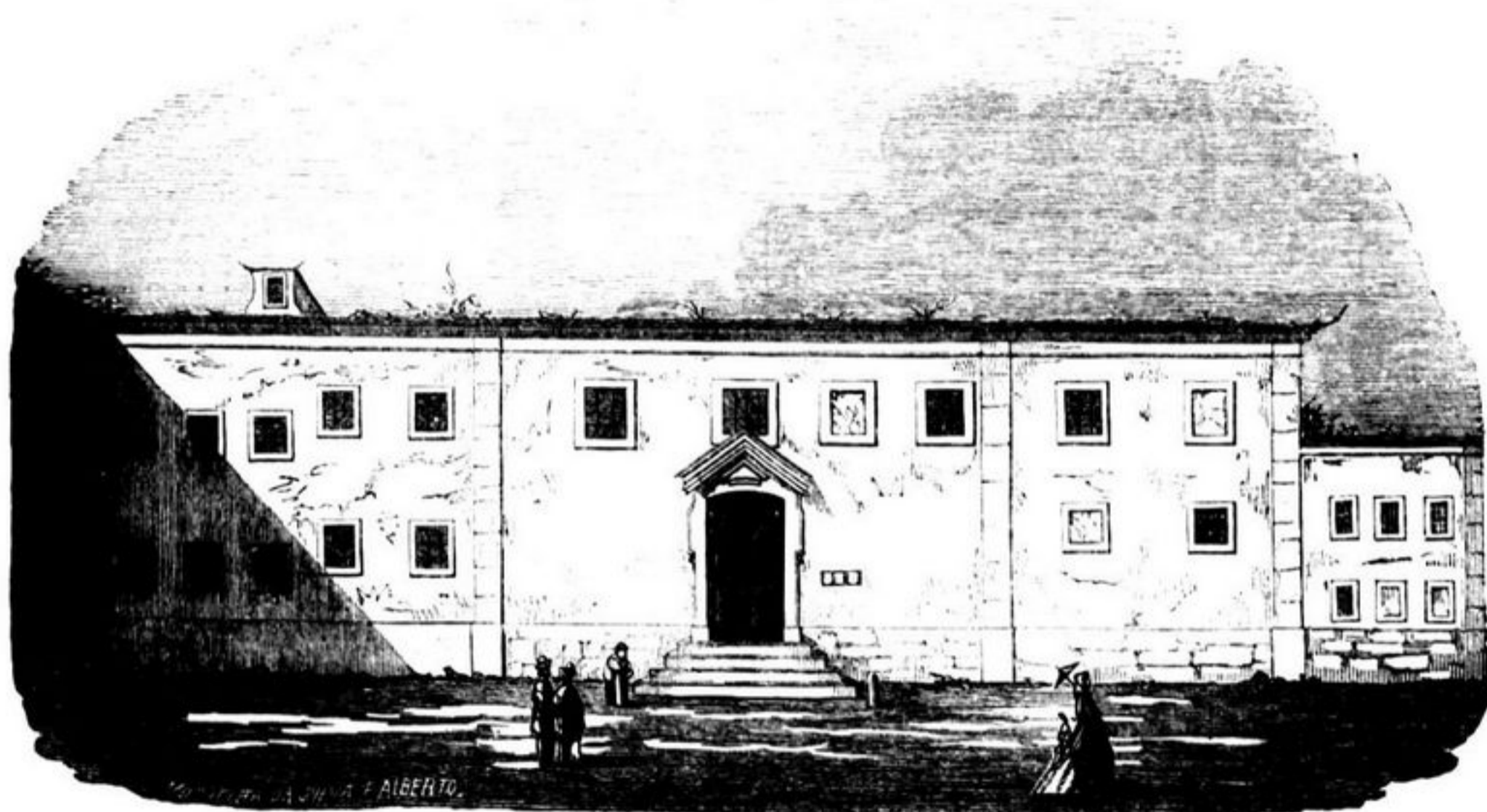
Estava ali a guardar a dona, que o não via mas lhe passava a mão pelas sedas asperas da poeira e da agua, tinha obrigação de a seguir e de a proteger, e jámais fazer vida de pandego em menospreso das nobres tradições caninas.

Este cão era um philosopho profundo, um observador circumspecto. Se tivesse nascido n'outra esphera, talvez chegasse a administrador de concelho e a commendador de Isabel a Catholica.

Um dia foram prohibidos pelas ruas os realejos e os cantores.

A cidade, na infancia da sua civilisação e na impossibilidade de supprimir o piano e os vates anemicos que recitam loas nas salas, a pedido de varias senhoras hystericas, prohibiu o realejo, como distracção do elemento serviçal, em detrimento da sopa e do cosido.

A pobre velha fechou a torneira musical, e desappareceu das ruas.

Tambem, que diabo tinha ella que fazer ali? já não era permittido cantar...

CONVENTINHO DO DESAGGRAVO, EM LISBOA

A outra esquina recomeçavam a mesma scena, depois a outra, e ainda a outras, até que a noite os surprehendia, ella com a garganta dorida e secca, *elles* tontos de somno e avidos das sopas magras que os esperavam onde o acaso as deparasse.

Sumiam-se então das ruas buliçosas e animadas, cortavam por travessas escuras, e desappareciam rapidos, como se o solo se abrisse para os receber e esconder ás vistas dos transeuntes.

No dia seguinte appareciam de novo, nos mesmos locaes, na mesma apparencia e disposição da vespera, como automatos inconscientes movidos por machinismo especial. Dos tres, o cão era o unico que parecia comprehender o fundo philosophico d'aquella enorme desgraça.

A elle pouco lhe bastava para satisfazer as suas justas ambições.

Uma buxa de pão, um balde de agua collocado á porta de qualquer estabelecimento, e á falta d'elle a bocca de uma sargeta, uma pedra ou um monte de lixo para cama, e algumas grammas de strichnina por futuro, com a compaixão dos *gavroches* e a moralidade dos conselheiros sobre as licenciosidades caninas, e não precisava mais. Cumpria a nobre missão da sua raça, seguindo fiel e submisso, na desventura ou na grandeza, aquelles a quem pertencia.

Era um cão sério, melancolico, reservado, mettido comsigo, philosopho talvez, mercé d'aquelle quadro de miseria e lagrimas que o rodeiava.

Não o fascinavam os brincos e folguedos dos outros cães.

Esses eram uns vadios, uns pulhas, uns filhos de paes incognitos recebidos no ventre materno muitas vezes ao impulso d'um guarda chuva moralisador.

N'um dos dias da semana finda, tive porém uma sensação agradavel, ao abandonar o recipiente burocratico, para me encafuar na campanula caseira: encontrei, em plena rua do Ouro, a misera cantora pelo braço do seu inseparavel velho.

Estavam os mesmos.

Elle sempre indifferente e risonho, olhando e não vendo, e furando por entre a multidão com a mesma inconsciencia com que a toupeira fura por entre as raizes dos cedros seculares.

Ella trazia na cabeça o mesmo chapeu deslocado, especie de coroa de santo de aldeia com apparencia de resplendor oxidado, e de capella de virgem em dia de confissão, exposta durante annos na montra de um ferro-velho immundo.

Iam de braço dado, calados, indifferentes, como se tivessem deixado ha pouco o banco e a viola.

Passeiavam como dois millionarios aborrecidos, sob o brilho do ouro e os caprichos saciados.

Ao vel-os, procurei o cão. Não o vi.

A nota sensivel d'aquelle manicordio da desgraçada rebentara talvez sob a pressão brusca do bolo municipal.

Não sou um lyrico, o sr. Vidal que me perdoe a blasphemia, mas, sinceramente, tive uma saudade immensa do desgraçado animal.

Foi talvez esta a primeira vez na minha vida que o meu espirito sentiu a falta de um *cão*...

ALFREDO GALLIS.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA